

# A Choldra

Semanário republicano de combate e de crítica á vida nacional

Ano I — Num. 17

Preço 2 Escudo  
Circulação Trimestral 300

Director — Eduardo de Sousa

Proprietario e Responsavel — José Valentim

Editor — Eusebio Jorge Ribeiro

Red. e Administrac. — R. de Paço das Rainhas, 88, 2.º — LISBOA

22 de Maio de 1926

Officina Graphica  
Rua de Beato, 100

## A LABIA DO ESQUELETO



Per entre o fumo da «Regie» escuta-se o toque de «rebate»  
do novo monopolllo igual ao antigo

# K Á G A D O !

Não quiseram as oposições seguir o que aqui dissemos no nosso ultimo numero.

Não quiseram proceder com este ministerio, e consequentemente, com os seus ministros conforme natural é procederem homens amantes da liberdade e defensores da Constituição.

Hesitaram procurando evitar a violencia pessoal, hesitaram e não compreenderam que, a um governo como este, colectivamente já gafado, sem qualquer sombra de moral politica, com um presidente pessoalmente indifferente a que o insultem e que lhe bulam na honra, nenhum leal e intelligente combate surtirá effeito porque todos os ataques irão chocar e foram chocar na insensibilidade espantosa e na desvergonha incomensuravel de quem só possui como maior ambição o estar no poder, o estar, estar uma hora mais, um minuto só! Mas estar até mesmo quando já *ninguem* estaria!

\*

Este governo, saloio na ronha, lesma na moleza asquerosa, repugnante na bilis de alguns dos seus membros tem a resistencia do Kágado metido na sua concha. De cabeça é pequeno, os olhinhos são espertos como os do sr. Santos Silva, mas de coragem, ah! de coragem... encolhe-se mal lhe tocam!

E assim encolhidinho, se tem mantido o Kágado governamental.

E assim, encolhido e resistindo sempre pela inercia, continuará se alguem, se as oposições se não resolverem a partir-lhe a concha.

Sim! se as oposições se tem resolvido a nem por um minuto lhe dar desanço; Se as oposições se tem resolvido a não consentir que qualquer dos ministros se sentasse na sua cadeira ministerial;

Se, em vez de reclamar estradas ou bater nas carteiras, tem, como aqui, dissemos, tomado o caminho mais violento, não poupando os proprios ministros traidores á Constituição, criminosos fóra da lei, preparadores de horas amargas para a Republica—a situação politica seria hoje muito diferente e o Kágado, partida a concha, teria já deixado de resistir!

Porque a homens de uma tal amoralidade politica só se castiga tocando-lhe forte!

Aos criminosos endurecidos no crime nada mais custa que sentirem, flagelando-lhes as costas, o chicote de nove pontas!

\*

E a esse homem que *ainda* hoje se encontra no poder, só a afronta pessoal, a directa afronta pessoal, poderá acordar a sensibilidade!

Ainda lhe queremos fazer essa justiça, mas mentiríamos a nós proprios se dissessemos estar absolutamente certos de tal.

A este ponto chegou a descrença, não nossa só, mas até dos correligionarios do sr. Silva, no seu poder de reacção.

O sr. Silva é homem que não reage, o sr. Silva é homem que não lucha com nobreza.

O sr. Silva esconde-se, o sr. Silva encolhe-se, o sr. Silva não aparece, o sr. Silva o marombeia, o sr. Silva é uma triste e pobre cousa com forma de homensinho, ronha de saloio e resistencia de Kágado.

O sr. Silva mete dó!

O sr. Silva é uma carraça presa ao corpo da Republica, sugando-o!

E' necessario arrancá-la!

Quem a arranca!?

## O que as juntas de Freguesia devem fazer, desde já, para a descentralisação administrativa

Dentro das atribuições que lhes estão confiadas actualmente e dos recursos de que dispõem, tudo muito limitado, bem pouco poderiam fazer as juntas de freguesia. Mas nunca a lei fez a sociedade antes é a sociedade, que fez a lei. O progresso não se opera pela lei e dentro dela mas sim contra ela. Se a Democracia é o respeito pela lei, é porque se subentende que nos bons regimes democraticos a vontade popular é acatada e as leis se fazem consoante o determinam as aspirações populares. Não é isto o que se faz nesta pseudo democracia em que impera a vontade soberana do sr. Antonio Maria da Silva. E assim, se os governos que se dizem democraticos praticam o inverso da democracia, necessario é que as Juntas de Freguesia, instituições secularmente democraticas que em intimo contacto estão com as camadas populares entrem em acção a fundo, praticando a democracia e por uma pressão constante saibam conquistar o logar que lhes compete na administração da causa publica.

Todo o programa que elaborámos no precedente artigo subsiste como objectivo a atingir num periodo mais ou menos longo cuja duração depende da soma de esforços que se empegar.

Por exemplo, uma divisão das areas das juntas de freguesia, a transferencia das policias de segurança e administrativa para as Juntas, a administração da justiça em casos de pequeno delicto, o registo civil e o recenseamento da população pelas freguesias, etc., são cousas que só é possível realizar com o apoio do governo e do Parlamento. Para isto as Juntas tem de preparar um grande movimento de massa, manifestações sucessivas da opinião publica que se imponham ao governo e ao Parlamento forçando-os a atender as reclamações populares. As Juntas de Freguesia conservam ainda, através de todas vicissitudes politicas, uma poderosa influencia nas camadas populares, na opinião publica. Não esqueçamos o que se passou em fevereiro de 1924. A um apelo das Juntas, Lisboa mobilisou mais de 100.000 manifestantes que até ao Parlamento foram protestar contra a carestia da vida. Esta manifestação não teve consequencias porque as proprias Juntas, instrumentos doces nas mãos dos partidos, se arreeceram do movimento popular que elas proprias tinham levantado, porque as Juntas, fazendo apelo á população, não tinham objectivo determinado, não tinham horisontes sobre politica administrativa. O que depende do governo e do Parlamento, as Juntas só poderão obtê-lo por um continuo movimento de pressão.

Mss no resto, as Juntas podem iniciar uma

acção imediata e directa. Que precisam as Juntas para organizarem e manterem as maternidades, as creches, os lactarios, a assistencia, escolas, os balnearios, etc.? Dinheiro, não é verdade? Hoje mesmo, que as Juntas são instrumentos politicos dos partidos, elas conseguem angariar recursos por apêlos directos á população. O que fariam se elas se integrassem no seu papel, isto é, se sacudissem a tutela dos partidos se tivessem amplos objectivos administrativos e soubessem congregar á volta desses objectivos a população inteira, desde que as Juntas queiram, a valer pelos interesses dos habitantes da freguesia elas poderão sem duvida contar com o apoio e auxilio financeiro da população. Mas é preciso que esta sinta que trabalha uma obra sua. E como pode ela senti-lo? Dando-lhe participação na obra a realizar que é de todos e na qual todos podem trabalhar. A Junta seria apenas a coordenadora.

Por exemplo: para a assistencia escolar, para a assistencia no domicilio, para a assistencia da primeira infancia, para as obras de higiene, a Junta escolheria comissões especiais de bons cidadãos, activos, empreendedores, sem preocupações da escola politica de cada um. Em todos os empreendimentos a Junta ouviria a população, comícios e reuniões publicas, exporia os seus pontos de vista, buscaria contantemente o seu apoio. Assim, a população da freguesia saberia que trabalhava em obra sua, sabia que dava e para o que dava.

E já viram bem se não estará aqui o ressurgimento da vida nacional em bases verdadeiramente democraticas?

## POUCO E CARO

O governo, de quando em vez, e já acabados os vivos dos operarios, lá vai conseguindo umas manifestaçõesinhas á *regie*. Poucas e arroucadas.

Ora esta fraquesa nos vivos e a pequenez do numero dos que os soltam, deve trazer intrigado o governo.

Nós sabemos que tem intrigado o sr. Silva. E' que ele sabe bem e o seu chefe de gabinete sabe melhor que as quantias saídas do ministério do Interior eram para muito mais.

Só num dia, foram 5 mil escudos que voaram! *Cinco mil* entregues a um cavalheiro—querem o nome?—que lá os foi buscar de *side-car*, que entrou rapido no respectivo gabinete como senhor e dono, não obstante não levars equer colarinho! Só o usa ao domingo . . .

Com franquessa, a cinco contos por dia era para mais alguma cousa!

Dez vivos ao menos . . .

# Os deportados esquecidos

Quando se efectuam os julgamentos? — Quando regressam  
Martins Junior, Lacerda de Almeida  
e os seus companheiros

Nas mãos do Partido Democratico, outrora, com melhores dirigentes, tão altivo e orgulhoso das suas atitudes boas ou más, tudo agora se adia, se demora, se esconde, a cobertando-se numa constante hesitação e tibies demonstrativa da sua fraqueza real que só resiste ainda por assumir a posição de corpo morto com todas as características de *trambôlho*. Trambolho que é necessario remover para que não impeça a marcha esplendorosa da Republica que não caminha porque ele, o P. R. P., dirigido como está por reaccionarios, não deixa nem pode desejar!

Esse trambolho, esse espantinho, surge perante tudo, em toda a parte e desde ás grandes ás pequenas cousas.

Actualmente, a frente da Policia de Investigação Criminal está um *bonzo*. Fizeram-se graves acusações aos seus subordinados, visou-se, em especial, um chefe de policia. O que havia a fazer? Organisar o respectivo processo. Isso se fez, mas só isso, porque, correspondendo esse processo a quasi uma sindicancia àquele funcionario policial, este não foi suspenso das suas funções, tem conhecimento dos depoimentos dos que o accusam, sabe quem o acusa, insinua ameaças e agride! A suspensão é um castigo? Não.

A suspensão é uma garantia de imparcialidade e justiça! Inocente, o funcionario volta ao seu lugar. Culpado, sofre o devido castigo. Tal não se faz. Não se toma uma atitude energica, hesita-se, titubia se e não ha virilidade nem decisão? Porquê? Porque o sr. Teixeira Direito, director da policia, é uma molecula morta desse corpo morto que é o P. R. P. Só parece viva, porque *come* e bem.

\*

Este fenomeno de fraqueza e hesitação por banda do Partido Democratico repete-se na demora das investigações do celebrado caso Angola e Metropole. Já lá vão quatro meses e nada se trouxe a publico que pudesse absolver ou condenar alguns dos que se encontram presos!

Entre eles, possivel é que inocentes se encontrem. O P. R. P. cujo chefe — o sr. Silva — afirmou no Parlamento já lhê não causar mossa que o acoimem de gatuno ou bandido, importa-se tanto com a honra alheia como com a sua!

A suspensão pesa porventura sobre inocentes? Que importa!

O *trambolho*, o *espantinho* não se preocupa e não julga, não condena, não absolve — espera, demora e adia para não ter um gesto claro, para não ter uma resolução!

O P. R. P., dirigido assim, é o *empata*.

O P. R. P., dirigido assim, impõe-nos, aos republicanos, um dever: o de expulsar dêle quem tanto mal lhe faz ou, sendo impossivel a *cura*, destrui-lo, aniquilá-lo para sempre!

O Partido Democratico existiu, foi uma força, um valor enquanto teve a animá-lo a intelligencia, o idealismo dos seus chefes e a pulsação generosa do Povo.

Hoje não tem intelligencia, nem idealismos, nem a alma popular.

Hoje é apenas um grande, um enormissimo e gigantesco ventre, onde o intestino grosso avulta em defecações constantes de uma digestão sem fim.

Essa digestão consome o país! Essas defecações emporcalham a Republica!

\*

Cometem-se violencias, atropela-se a lei, rouba-se e mata-se com a cumplicidade do P. R. P. cego pela mentira dos que o dirigem.

Erguem-se vozes a protestar. De Melgaço a Santa Maria, a voz da Nação faz-se ouvir forte e indignada, surgem manifestações de repulsa, estremece-se sob o impulso do sacão moral provocado — o P. R. P. ouve os protestos, ouve a Nação, estremece tambem, mas não cede, não se move e até não resiste — fica como estava!

Não tem pudor, não tem vergonha, não tem alma!

Grandes criminosos são perante a Republica os homens que assim, que *nisto* transformaram esse exercito aguerrido, nobremente altivo do seu espirito puramente democratico!

Deportam-se operarios presos durante meses sem culpa formada nem julgamento. Os protestos apareceram corajosos perante o país estatico de pavor desrazoado. Alguns republicanos levantaram alto os principios da Democracia, verberando tão monstruoso atropelo á lei. Os trabalhadores portugueses indignaram-se e revoltaram-se contra tal afronta.

Pediu-se e exigiu-se o respeito á lei. Nada se fez.

Os operarios foram deportados.

Seguiram para Africa umas dezenas de vi-

## A CHOLDRA

timas sacrificadas no altar de uma Sociedade madrasta que os fez revoltados a todos e, a alguns, criminosos.

Ao respeito à Lei, respondeu-se com o respeito à *burra* do capitalista sofrego e ladrão!

Ao respeito à lei evocado por republicanos, responderam homens que se dizem republicanos com gritos altos de indignação, tão altos quanto grande era o seu pavor e o seu medo covarde aumentados pelo remorder fatal de remorsos que o seu crime fizera surgir.

De mistura com os culpados foram inocentes, de mistura com os deportados, sofrem os seus filhos, as suas companheiras!

A fome, as lágrimas destes não fizeram hesitar quem deportou! A dor das famílias não fez tremer a mão de quem deu a ordem e agora mesmo, hoje ainda, esses homens, essas crianças, essas mulheres sofrem a tortura dessa injustiça e dessa violência, parecendo esquecidos e votados para sempre ao cumprimento de uma pena a que ninguém os condenou porque ninguém ainda os julgou!

Estão esquecidos esses homens?

Esqueceram-se as lágrimas que ainda hoje caem dos olhos macerados de suas companheiras e mães!?

Possível é, certo é, que os esqueceram os homens do Partido Democrático, mas não os esquece a massa trabalhadora desta terra nem o coração democrata dos republicanos sinceros que ainda lutam!

Na primeira hora, se até lá justiça não for feita, se o julgamento se não fizer, certos estamos que os gritos de revolta e protesto que dos lábios do Povo saem quando tal violência se lhe recorda, se transformarão em gestos violentos de justo castigo para os culpados e para os cegos que a Verdade não querem ver! E a Justiça do Povo é fatal como o destino é terrível nos seus designios.

Mas o Partido que não castigou o massacre dos Olivais, que não castigou o assassinato de Domingos Pereira e que não hesitou em fazer as deportações, soube ter absolvido e rápido julgamento para os homens do 18 de Abril, para logo surgir, pouco tempo depois, implacável para os republicanos que do alto de Almada, procuravam dar ao regime a orientação radical-socialista preconizada outrora!

Lacerda de Almeida, Martins Junior e esse nobre plebeu sargento heroico que é Pauleta foram deportados. Ninguém os julgou ainda! Ninguém os condena e absolve! Para estes não ha desculpa da defesa da Sociedade! Para estes, que são republicanos, que sempre foram republicanos, ha só um crime - o de não serem

democráticos! Pior: o de não serem amigos do sr. Antonio Maria da Silva. Outros quatro meses se passaram sobre esta outra e não menos revoltante violencia. Como para os operarios, para estes tambem apareceu a mesma afirmação de solidariedade republicana.

Como quando dos operarios, tambem para estes appareceu fatal, surdo a todos os protestos e gritos de justiça, o *trambolho*, o espantinho do Partido Democrático!

Os republicanos que iniciaram a sua revolta em Vendas Novas não estão esquecidos nos nossos corações de democratas revoltados contra o que está!

Os republicanos deportados não foram esquecidos pelo Povo.

Quem os esquece, a quem convem esquecê-los é ao sr. Antonio Maria da Silva!

Ai de quem lhe pise os calos! Ai de quem perturba a digestão laboriosa dos banquetes fartos em que se compraz!...

Quando lhe levantaremos a mangedoura!?

## No parlamento



A policia da «regie» dando para o «tabaco.»

## Quanto receberam?

Foi publicada ha dias uma laconica portaria modificando preço e tipos de pão.

Trata-se de um escandalo sem nome, de um roubo descarado e de uma infamia!

Pretende-se, assim, salvar o *Portugal e Colonias* a troco da defesa do governo feita pelo *Diario de Noticias*!

Pretende-se, à custa do Povo que pagará o pão mais caro, salvar meia duzia de ladrões!

Quanto receberam pelo frete?

# O POVO NAO TEM O GOVERNO QUE MERECE

Ao contrario do que se tem afirmado neste panfleto e pretendendo até argumentar doutrinariamente—escreve-nos *um velho republicano* tentando atribuir as culpas do actual estado social, não aos politicos, mas ao povo. Os povos têm os governos que merecem, diz-nos este velho republicano.

Ora nada mais falso e nada menos democratico.

Onde aprendeu o nosso correspondente a ser republicano? Não sei. Mas a verdade é que esta doutrina tem tomado entre nós fóros de cidade. Os povos têm os governos que merecem...

Estamos em frente dum dos muitos argumentos subtis e capciosos que a *Choldra* tem de destruir. Entre nós vive-se ha muitos anos de ideias falsas e de sofismas. A Republica que se fez para ser essencialmente popular e que devia trazer como nome basilár a preparação profissional do povo—foi adaptada apenas ás necessidades da burguezia endinheirada. Os republicanos, em pouco tempo, acolitaram-se, envergaram casaca, passaram a banquetear-se aristocraticamente no luxo da baixela *Germain*, puxaram ao fino, trataram exclusivamente de satisfazer alguns appetites da classe media e ficaram-se a ver o povo por detraz dos vidros dos seus carros de luxo—e a ter reposição pela sua miseria, pela sua fome e polos seus andrajos...

A Republica foi empalmada do povo. Por quem? Por algumas centenas de ambiciosos...

\* \*

Mas expliquemos o nosso ponto de vista. O povo—não tem o governo que merece. Assim é que está certo. E não tem o governo que merece ao contrario do que pensa *um velho republicano* e muitos outros que se dizem republicanos, pelas rasões que passo a expôr:

—A necessidade de implantar a Republica nasceu do desejo de cuidar a sério da vida do povo.

E nosso povo, aparte os seus sentimentos natos, é uma triste massa anonima, imperfeita, rude, sofredora e ignorante.

Tem andado ao sabôr e aos caprichos deste e daquele. Em Lisboa foi sempre um povo de entusiasmos e de obsessões. Na provincia, escravo de toda a especie de proprietarios—obedece apenas. O povo português é povo socialmente inutil. Sem educação, sem leis que protejam as crianças, sem a defeza do seu trabalho, passando fome, vivendo mal em tugurios desabrigados e imundos—o nosso povo não representa sequer a força economic que pelo seu esforço poderia

valer. E' uma enorme multidão a debater-se num esgotamento geral da raça e anular-se, por todos os vicios, numa decadencia fisica tremenda...

A obra a realizar em defeza do povo esboçaram na pela primeira vez em Portugal, os republicanos. Foi uma palavra magica. O povo sentiu a sua situação. Viu a sua realidade, compreendeu a necessidade de se revoltar, de exigir dos governos a sua defeza:—necessitava p'egredir e tornar-se util...

—As crianças nem podem frequentar as escolas primarias que já de si pouco ou nada valem, na tremenda luta pelo pão de cada dia. Isto não é de hoje. E' de ha muitos anos já.

A Republica seria a redenção. O povo acreditou nos propagandistas, acreditou nos comicios acreditou nos politicos, acreditou nas promessas... Ouvia-os e deslumbrava-se!...

A norma seria esta:—para um país pobre um regimen honesto de equilibrio geral nas condições materiais da vida e uma grande preparação pelo ensino, unica fonte de progresso social. Disse se ao povo: Precisamos melhorar a tua condição! O povo compreendeu e com o seu entusiastico esforço fez-se a Republica em Outubro de 1910.

\* \*

Aqui está o quadro da vida publica portugueza. Que merecia a multidão inculta e sofredora? — Que só para ela se trabalhasse, que nunca se desviassem os olhos, como problema basico, da realisação dum regimen que não fosse uma burla, que se norteasse efectivamente pelo desejo de realizar em Portugal uma Republica consciente que fosse a expressão exacta duma veridica democracia.

Isto merecia o povo—e nada d'isto se fez.

Eu nego a afirmação do que o nosso povo é republicano. O espirito republicano não se cria com oratoria facil. A Republica não é apenas uma palavra, nem um sentimento. E' o resultado duma forte evolução moral.

O povo não estava, portanto, dentro da consciencia republicana. Houve unicamente um caso de confiança popular. Era um regimen que vinha para o engrandecer e elevar. Entregou-se de braços abertos. Delegou nos politicos da Republica para, como governo, executarem o seu programa e as suas apregoadas reformas. Expressou o cumprimento das ideias nobres da propaganda. Tinha fé.

Foi esta a obra do povo.

Que succedeu depois? Isto—os homens da Republica faltaram á sua palavra.

# As juventudes sindicalistas

sem deixarem de ser inimigas de todas as ditaduras, abdicaram da sua tactica de violencia sistemática

A estúpida ditadura do sr. Antonio Maria até a liberdade de reunião conseguiu abolir. Ora uma democracia só se acredita consoante o numero e natureza de liberdades reconhecidas e respeitadas. Assim como um povo só revela o seu grau de educação no desfrute dos seus direitos civicos. Não sucede assim em Portugal, cujo povo anonimamente se tem sacrificado para que fique de vez fundada a liberdade a que tem direito proprio, não um direito concedido por mercê de um regedor que se fez soberano de Portugal.

Nenhuma livre expansão de pensamento é permitido pelo sr. Antonio Maria, que disse não necessita visto que não tem cerebração, Mas já o mesmo não sucede, por exemplo, com as Juventudes Sindicalistas, composta de rapazes que podem pensar erradamente — mas que pensam. E como pensam, sentem necessidade de se reunir e comungarem, entre si, opiniões e sentimentos.

Essa necessidade é tão imperiosa que tiveram de efectuar clandestinamente o seu congresso, aliás, reunido numa povoação em que a Esquerda Democratica possui uma grande força eleitoral e politica, apesar das ciladas promovidas pelos sequazes de Antonio Maria.

Das decisões que o congresso das juventudes sindicalistas tomou, durante três dias, não temos completo conhecimento, mas sabemos que se re-

feriram á sua ideologia, á sua acção e á sua organização, cousas que poderiam ser deliberadas publicamente — e nisso, melhor que no odio do sr. Antonio Maria á liberdade, estaria a defesa eficaz da sociedade contra qualquer tentativa inspirada por uma revolta alucinada, mas justa.

Consta-nos, porem, que as juventudes sindicalistas já tacteiam um caminho de ponderação e intelligencia, depois de abandonarem os atalhos perigosos e traiçoeiros da violencia, tendo, até, extinto um seu grupo de acção directa. Assim seja, para que vejamos nas juventudes sindicalistas uma esperança de regeneração e levantamento moral deste pobre país.

Sinceramente, desejamos que os jovens sindicalistas sejam: hoje, a vanguarda das reivindicações operarias, cuja justiça já se não nega em parte alguma do mundo, principalmente, nas nações realmente democraticas, e não espesinhadas pela tacanhez de um cabo de esquadra arvorado em ditador; amanhã, que sejam elas uma força disciplinada, garantindo no campo das suas idéas, aguerridamente, sim, como é proprio da mocidade, mas sem atitudes prejudiciais, o triunfo da razão operaria e, consequentemente, um notavel progresso da democracia e da sociedade, um progresso social e democratico que nunca mais permita a ditadura brutal de um regedor ignorante.

\*  
\* \*

Quais são os argumentos *dum velho republicano* para demonstrar a sua tese de que Portugal tem os governos que merece?

Fracos e escassos. Este republicano da velha guarda, afastado das lides politicas, deve ter, como todos os que se puzeram de largo — um bom lugar de que vai auferindo tranquilamente magnificos proventos. Confunde o povo com a sociedade decrepita a que estende a mão, com as clientelas avidas dos partidos e com a falsa expressão nacional do Parlamento — e dos seus representantes eleitos por conveniencias particulares...

Ora o povo está muito longe de todas estas coisas. O povo é um velho leão adormecido... E nós que não somos descrentes, nem pessimistas, nem scepticos — sabemos que ele ha-de acordar. E' disso que tem medo um velho republicano? Deve ser. Ele e muitos outros republicanos esquecidos da sua missão. Ora nós não temos

medo. E continuaremos por isso, sem receio da Revolução — o afirmar que o povo não tem o governo que merece...

C. DE C.

## Demissão ou revolução!

O governo do sr. Antonio Maria da Silva prepara-se para saltar sobre o Parlamento com a cumplicidade imbecil de uma maioria sem vontade!

O sr. Antonio Maria da Silva vai para a ditadura franca!

O administrador do Redondo quiere ser senhor do paiz!

Pois o Parlamento reunirá!

Pois o Povo saberá responder á afronta!

As ditaduras desaparecem sempre com os ditadores! Assim com D. Carlos, Assim com Sidónio Pais!

Ao sr. dr. Bernardino Machado um unico caminho se indica: demitir o governo.

O dilema é simples: ou demissão, ou Revolução.

Que responde o Chefe do Estado?

# O NEGOCIO DOS PASSARORTES

Demonstra-se a moral de um engajador  
que tem um ar de pessoa honesta

Aqueles que ao «Seculo» se acolheram para atacar e inspirar novas calunias contra os funcionarios Superiores dos Servicos da Emigração, andam aflitos com o que temos publicado no nosso semanario. E que ha verdades que doem muito e que até hoje dissemos não vimos ainda que fossem desmentidas com provas evidentes e irrefutaveis.

Palavreado, muito palavreado e nada mais. São republicanos, os funcionarios que dirigem os Servicos da Emigração, homens de bem que não temem calunias e que não se intimidam com campanhas pagas ainda mesmo quando feitas pelos chamados órgãos de grande circulação, e isso é mais do que suficiente para que cumpramos com gosto o dever de analisar algum dos curiosos aspectos do barulho que se está fazendo em v' lta de uma proposta de lei que visa a meter na ordem esse bando de traficantes de carne humana que com o rotuto de agentes de passagens e passaportes teem arranjado fabulosas fortunas á custa dos desgraçados camponios que abandonam a Patria á procura de melhores dias.

Não precisam os Srs. Dr. Filipe Mendes e Manuel Serras que os encorajemos; mas temos o direito de lhes dizer aqui que enquanto se mantiverem nos propositos que os animam, ternos-hão ao seu lado. E' preciso que a moral triunfe neste desgraçado País para que a Republica se prestigie, e não são republicanos os que alimentam, inspiram ou servem miseraveis campanhas de descrédito contra os Servicos do Estado para proteger inconfessaveis interesses particulares em seu prejuizo.

No nosso ultimo numero publicamos uma carta do Sr Aurelio Neto que afinal se traduz numa preciosa confissão acerca das suas tendencias musicas. Não dissemos aqui que fosse o Sr. Neto quem tivesse aceitado a oferta de um piano a um agente de passagens e passaportes, não citámos nomes; mas desde que o Sr. Neto se considera alvejado nenhum motivo temos para impedir que queira enfiar a carapuça. De resto como o Sr. Neto considera a oferta do piano como «um facto de natureza meramente particular e íntima» deixamos a apreciação deste caso de moralidade ao imparcial julgamento dos nossos leitores. O Sr. Neto se recebeu o piano lá sabe porque foi...

A proposito deste assunto recebemos uma carta do sr. deputado Manuel Serras que publicaremos no numero seguinte porque oferece em materia de estilo um curioso contraste com o Sr. Neto. Essa publicação será, porem, a ultima,

e isto para todos pois não desejamos que as nossas colunas sirvam para arquivos da prosa de todos os que se zanguem. E agora, como prometemos, vamos á epistola do agente de passagens e passaportes sr. Antonio Soares... Diz-nos ele:

*Sr. Director*

O seu conceituado jornal de 24 do corrente, sob o título sujeitvo — *Os negreiros teem medo da lei* —, publicam um artigo, defendendo a Reorganização dos Servicos de Emigração, que só um restrito numero de pessoas conhece.

Nas considerações aduzidas, sem razão a ordem ou motivo plausivel, o seu jornal refere se á minha pessoa, em termos que só pretendem magoar-me e vexar-me, perante a opinião publica; accusando-me, aleivosamente, de engajador, que receia a lei nova da Emigração. Poro engano, não tendo medo da lei, nem nada dela receio; porque continuarei mantendo, a minha posição dentro da legalidade e donde jamais sai ou me afastei. Mas, sr. director não vejo, nestas campanhas pessoaes, processo firme ou seguro que garanta o bom exito da empresa. Ora querer defender a annunciada remodelação dos Servicos de Emigração, que a muralha da China pretende isolar do poder legislativo, servindo-se para tal fim de uma campanha difamatoria contra os agentes de passagens e passaportes, não está bem, não bate certo e não faz sentido; porque toda esse amalgama de argumentos, sem justificação possivel, só mostra a má vontade contra a classe dos agentes de passaportes, a quem tentam criar um ambiente de suspeição; o que há muito se verifica, nas notas officiosas fornecidas a imprensa, a proposito de coisas insignificantes, e onde a tecnologia desprimorosa da frase se manifesta tão clara e nitida como evidente. Se é boa ou má, a lei que por um processo anormal, se pretende arrancar ao Parlamento, ignoro, embora mantendo ideias pessimistas; no entanto, contra o que eu protesto, é que se envuelva o meu nome obscuro, e as boas relações pessoais que mantendo com o illustre parlamentar sr. Raimundo Alves, para se servir uma causa absolutamente condenada e ingrata aos interesses da economia do país. Sou agente de passaportes há anos, e honra-me em pertencer a essa classe. Até hoje, pelo exercicio das minhas funções officiais, nunca os tribunals tiveram que intervir, para me imporem penalidades por infracções cometidas.

Se isto não é verdadeiro, o Commissariado dos Servicos de Emigração que me desminta. Pela publicação desta carta, que representa apenas a minha legitima defeza, em face do que o seu Jornal publicou, se confeaça agradecido, o que é.

De V.<sup>a</sup>

ANTONIO SOARES

Não fazemos comentarios nem emendas. Mas perguntamos:

Não é este sr. Antonio Soares o mesmo que por varias vezes tem sido preso por varios crimes de emigração?

Não foi ele que arrombou a Repartição dos Passaportes do Governo Civil para dali roubar um processo que o comprometia? Não foi este honrado agente o mesmo que foi tambem preso uma outra vez pela proesa de ter embarcado uma mulher com nome suposto?

Não é este Antonio Soares o mesmo de quem



# Notas irreverentes

A classe militar repele as afrontas do sr. Antonio Maria—Os ordinarios ditadores humilham os sargentos—O que quer o sr. Ramada—Lança ou Duridana?

O sr. Antonio Maria da Silva com a sua politica de corrupção e suborno está affectando ainda mais a grave crise de character que atravessa a Nação Portuguesa

Felizmente que nem tudo é lama. A força armada, recebendo na ponta das espadas o aumento que inesperadamente, lhe foi concedido e com todo o aspecto de suborno, veio demonstrar que assim é.

O governo do sr. da Silva, aumentando a gratificação de serviço aos officiaes, num momento em que todo o país repudia a sua ordinaria ditadura, feriu-os no seu pundonor. Repeliram a afronta.

Honra lhes seja feita!

\*  
\* \*

O governo de ordinarios ditadores que por aí se arrasta, mostrou-se muito condoído pela situação dos officiaes do exercito, e aumentou a alguns deles os seus honorarios. O fim com que foi feito, foi comprehendido.

Pretendeu corrompê-los. Nada mais. Todos sabem que a officialidade vive com grandes difficuldades, mas tambem se sabe, que nem só os officiaes arregimentados, assim vivem.

Os reformados, os da reser a, os da disponibilidade, tambem teem difficuldades de vida.

Porque se lhe não tornou extensivo esse aumento?

Sabemos porquê... E' que o sr. Antonio Maria da Silva, não teve nem tem algum interesse pelas condições de vida da officialidade do exercito, tem apenas interesse na vida do seu governo.

Era o prato de lentilhas.  
Como se engana!

\*  
\* \*

Já que estamos a falar de aumentos, aproveitaremos a oportunidade, para demonstrar-mos o grande amor do sr. da Silva pela instituição militar.

Então os sargentos não vivem com difficuldades?

Então essa briosa, honrada e republicana classe, não foi digna da atenção do governo?

Afronta sobre afronta.

Afrontou os officiaes, tentando suborna-los. Afrontou os sargentos, não lhe reconhecendo os seus serviços à instituição militar, à Patria e á Republica.

Tudo ha esperar do govérno e do seu partido.

Com ra essa nobre classe, desde que lhe roubaram o seu representante,—o bondoso e honrado Herminio Branco,—até ao encerramento no porão dum navio do seu heroico componente Domingos Paulêta.

Até quando miseraveis...?

\*  
\* \*

O sr. Silva quiz mais uma vez mostrar a sua consideração pelo funcionalismo civil. Ha tempo declarou que os soldados da G. N. R. eram mais uteis que esses servidores do Estado, agora descobriu que eles não vivem mal.

E' bom o governo não deixar de contar que,

---

o *Seculo* faz reclame da agencia em gordas letras e por bom preço numa das suas paginas de dentro escrevendo na de fora—coincidência curiosa!— as maiores grossarias e calunias contra o pessoal dos Serviços de Emigração? Não é este mesmo sr. Antonio Soares que andou ultimamente pelo Parlamento a pedir a varios Deputados entre os quaes um seu intimo, que impedissem que a proposta de lei sobre emigração fosse por deante? Não é este mesmo Antonio Soares que de gorra com outros agentes de passagens e passaportes fez distribuir *uma carta aberta aos parlamentares* contra a proposta de emigração conspurcando os republicanos indepen-

dentes em nome de um grupo anonimo dos quaes a fez assinar? Não é este o mesmo Antonio Soares que por ser cunhado da firma escreve Travassos & Vidal, — cujas proesas em Paris estão ainda na nossa memoria —, foi ba poucos meses ainda preso por ter solicitado os passaportes a pedido daqueles cavalheiros de industria? E tudo isto não foi feito pelo mesmissimo engajador Antonio Soares, que á custa dos mais *escuros negocios* de emigração, enriquecem?

Pode pois «A Choldra» dar guarida aos Antonio Soares e outros?

Julgamos que não pode.

Ponto final portanto.

o funcionalismo civil tambem o pode pôr em crise.

Haja em vista o que se passa com os funcionarios da contabilidade, nesta questão dos tabacos.

\*  
\* \*

O deputado sr. Ramada Curto, protestou ha dias na sua camara contra a negociata dos receptaculos postais, combatendo esse novo monopolio, e combatendo tambem a *regie* para tal exploração.

De lado um jornalista observa: O Ramada quer uma Caixa Geral de Depositos, em cada casa.

\*  
\* \*

Aquele *nado-obtuso* que é deputado por Baião, reeditou ha dias no parlamento a celebre area da legião vermelha, nas galerias. Esqueceu-se de acrescentar que, a prova provada de quanta falsidade houve nessa invenção, está no facto de, nenhum deputado oposicionista de então, sofrer qualquer desacato, o que se não tem verificado agora, com a agravante desses desacatos serem promovidos por legionarios policiais-tabaqueiros, que para melhor se destinarem trazem malmequeros brancos na lapela. Como o sr. Lança não o disse, dizemo-lo nós, para que se saiba.

O mesmo sr. deputado, num rasgo de eloquencia, que segundo ele diz,—é tão grande que já tem feito chorar varias frequentadoras das galarias,—disse: Que à porta do parlamento tinha sido preso um legionario vermelho que estava hostilizando o govérno.

Nada disso. O preso pertencia à legião policial-tabaqueira. Logo que repararam no malmequer branco, mandaram-no em paz.

\*  
\* \*

Ainda o mesmo senhor se deu ao devaneo de contender com os jornalistas, durante a sua peroração.

Quando se lhes não chama grandes homens, vá de bater nos trabalhadores de imprensa.

Segundo nos informam o Sindicato vai adquirir alguns aziáres.

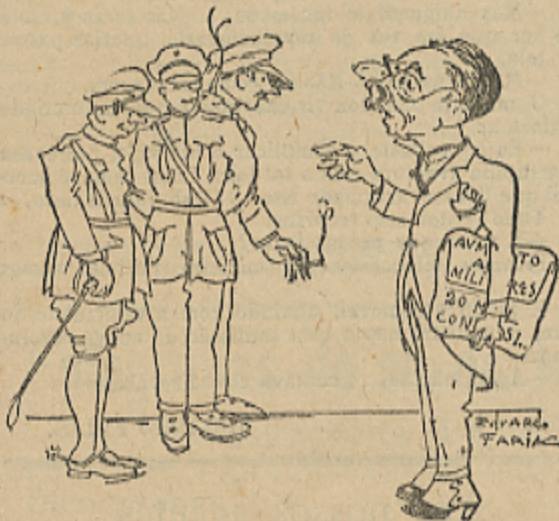
A' cautela!

Foi publicada uma portaria, nomeando uma comissão para proceder aos trabalhos de reorganisação dos serviços policiais. Não percebemos porque motivo ha de fazer parte dessa comissão o senador Julio Ribeiro.

Ha quem sollicitamente nos informe,—é para regulamentar o serviço da policia, nas toiradas.

J. P.

## Fruta do tempo...



— Então estão contentinhos?! Para lhes dar o aumento, arranji a «regie»?...

— E para a outra vez?

— Para a outra vez, aumento o tabaco...

## « O MARTE »

Completo ha pouco o seu 11.º anniversario este nosso querido colega de imprensa aguerrido e nobre defensor da classe dos sargentos, dirigido por Herminio Branco.

Saudamo-lo afirmando ao seu director o nosso respeito pela sua inquebrantavel linha moral e pelo seu indefectivel republicanismo,

Longa vida.

## Atitude sensata

A Confederação Geral do Trabalho declarou a sua neutralidade perante a questão dos tabacos. Está bem, é uma atitude. Mas não deixemos de registar a censura que a C. G. T. atirou aos operarios dos tabacos, que apoiam um govérno que não lhes pode servir os interesses. Esta censura só demonstra que a C. G. T. sabe ter atitudes sensatas, quando quere e que, quando quere, sabe levar as suas atitudes sensatas até ao fim.

# A estranha aventura

Como? O ministro já sabia tudo?... Estava ele ao facto de todos os propositos da revolução?

E preocupado, inquieto, suspendera o garfo, firava perplexo, distraído, o prato com a omelete, que mandava buscar á pressa a um restarant proximo. Não lhe convinha aparecer na rua, mostrar-se.

Dissera a alguns amigos que partira para o Porto, e para muitos desses companheiros de café, colaboradores de blague, ele encontrava-se no comboio a caminho de uma aventura que lhe traria algum dinheiro, e umas horas deliciosas de intimidade com uma mulher disputadissima.

Um antigo companheiro de escola, intimo dos mais escrupulosos segredos, cedeu-lhe o escritorio para o esconder do bulicio da cidade, para o furtar por dois dias, á invasão dos credores, e ele estava ali dormindo sobre um sofá, mandando vir a comida de um restaurant, aguardando a hora da sua libertação, a alforria de uma crise, uma crise moral e financeira.

Essa hora era a hora do sinal que se iniciaria o movimento revolucionario.

Como era então que o ministro, o mandava chamar com urgencia ao seu gabinete? Como era que o ministro soubera que se encontrava ali, para mandar um continuo do ministerio com uma carta, chamando-o apressadamente? Então o ministro que tambem era seu amigo, espionava-o. Então ele sabia certamente os nomes comprometidos na revolução, pronta a eclodir?...

Enguliu uma banana, e tentou reunir ideias para escrever uma carta, desculpando-se, urdindo uma evasiva, uma mentira.

Mas estava nervoso. Tinha tambem necessidade de falar ao amigo, e descobrir nos seus planos, até que ponto é que o ministro exercia a sua acção vigiando os conspiradores. O escritorio tinha telefone e rapidamente pediu ligação para o ministerio.

—Alô... E' o ministro de...

—Conheço-te a voz. Vem já aqui. Preciso falar-te. Assunto de urgencia...

—Mas...

O ministro desligara, e ele ficou perplexo. Por fim decidiu-se, com raiva, com desespero. Não podia chamar um automovel. A pé era sujeitar-se a encontros perigosos... Mas era preciso sair desta absurda situação... Depois desde que se sentia espionado, desde que o ministro sabia que ele se encontrava naquele escritorio, como que fugido, para que exitar?

Deixou o gabinete, e quando subia as escadas do ministerio, sentia-se mais calmo. Na verdade, agora mais sereno, refletia na necessidade de saber se era só o seu amigo, o ministro, que conhecia o seu esconderijo e as intenções porque nele se refugiou, ou se tambem as autoridades, a policia de segurança, o sabia conspirador...

E entrou no gabinete sorridente, afetando despreocupação. Mas não durou muito este estado de espirito.

—Já almoçaste?

Tentou reagir e respondeu:

—Chamaste-me para saber esta coisa tão importante?

—O ministro pediu licença para chegar ao telefone, marcou um encontro a uma dada hora, depois...

—Saber se almoçaste, e outras coisas de não menos importancia que interessam sempre saber a um amigo. A não ser que as tuas ideias politicas, os teus projectos... novos, te afastavam da nossa antiga intimidade... Mas nós vamos sair... Aqui seremos interrompidos... Hoje se não fujo depressa... Nem me posso coçar...

Ao toque da campainha entrou o correio, ordens, recomendações, depois desceram a escada e entraram para um automovel.

—Agora ficamos mais á vontade... Agora já não estás conversando com o ministro... Como vão as tuas col-

—Politicas?

—Não brinques... A tua vida...

—Pois bem falamos a serio. Como soubeste que eu me encontrava ali, isolado, escondido, vamos, naquele escritorio.

—Fiquei muito surpreendido, quando soube que eras tu... Compreendes...

Como ministro, preciso de pôr uma policia especial em campo. Está uma revolução na-forja... Rebentará hoje... amanhã...

O automovel parou.

—Fica — disse o ministro — Entro um momento volto, já...

Estavam á porta do governo civil. Só, no carro, ele teve vontade de fugir...

Que ideia seria aquela do ministro dirigir-se á policia?

Mas o amigo voltou na verdade, muito depressa e uma vez instalado no carro recomeçou.

—Tu estás com eles?

—Com quem?

—Com os revolucionarios.

—Queres perder-me?

—Quero avisar-te. Eles saem, mas estão absolutamente perdidos. Arranja maneira de te pôres a salvo, porque eu com muita dificuldade te poderei encobrir. Vamos descer.

O automovel voltou a estacar.

—Vem almoçar comigo.

—Já almocei.

—Mas tomas café: precisamos de arrumar isso...

Instalaram-se num recanto discreto, e assim que verificaram que podiam continuar falando, o ministro proseguiu:

—E' possivel que a revolução venha para a rua. Mas... comprehendes, se assim succeder, será sufocada á nascença.

«Aqueles, que como tu, estão avisados, tem tempo de se pôr a salvo.

—Perdido!

—Não comprehendo... Mas perdido porque?

—Tenho a minha vida espatifada...

—Mas ninguém te incomoda... Não serás preso a não ser que em vez de revolucionario, querias passar por tolo.

—Mesmo assim... Não sei como salvar-me.

O ministro mandou vir charutos e quando o criado se afastou:

—Então voltaste a complicar a tua vida, por causa da estúpida aventura com a tal loira? Mas sempre acreditei que tivesses arrumado isso... Desbarataste tudo...

Tudo! Estou sem recursos...

—E agora que pensas fazer?

Ficaram silenciosos. O ministro reatou, vamos sair...

E já no automovel, abafado com a velocidade do carro, o ministro ouviu esta confissão do amigo revolucionario.

—Agora não sei... contava com a revolução...

EDUARDO FRIAS.

## Aos nossos agentes

A administração d'*A Choldra* pede a todos os agentes o favor de liquidarem breve as suas contas. Por cá, não se vive do ar...

# Cronicas internacionais

As surpresas da greve geral inglesa.—A revolução na Polonia tem um caracter fascista.—A intranquilidade da Europa

A greve geral inglesa, devemos confessá-lo, terminou duma maneira inesperada para os meios operarios latinos que vinham seguindo esse acontecimento com suprema curiosidade e muitas esperanças. O facto de terem sido lançados á rua na primeira vaga de greve cerca de quatro milhões de grevistas era já de si um triunfo, pela capacidade de organização e pela superioridade de disciplina que revela. O facto ainda de apêlos do governo britânico não terem conseguido agrupar mais de 15.000 voluntarios para substituir quatro milhões de grevistas era tambem sintomatico da fragilidade do apoio da opinião publica a favor do capitalismo.

Mas o movimento grevistico tinha lançado na balança apenas as primeiras forças. Aos mineiros, aos ferroviarios e aos trabalhadores das docas e aos mecanicos e metalurgicos, iam seguir-se aos telegrafopostaes, os operarios do gaz e da electricidade. Era a segunda vaga de greve tomando a situação de grave em desesperada.

Ainda, a greve ia tomar uma feição nitidamente internacional. A Dinamarca viu pela primeira vez uma greve geral de solidariedade e na Alemanha, na Belgica e na França tudo estava pronto para que os mineiros e os operarios dos transportes destes trez paizes paralisassem o trabalho. A situação não podia ser mais critica.

E é precisamente neste momento, quando iam entrar em jogo novas forças para darem o golpe decisivo, é neste momento, dizíamos, que surge a ordem do conselho geral das Trade Unions para cessar a greve sem condições. O que se teria passado que determinam tal attitude?

A dirigir a greve estavam entre outros J. H. Thomas, Macdonald e Henderson, trez antigos ministros. São homens de paz e não homens de guerra. Eles assistaram-se com a extensão que o movimento ia tomar. E a greve terminou como se viu. E agora o que irá succeder? Provou-se que a situação social e economica da Inglaterra exige novos metodos de luta e novos dirigentes. No movimento operario inglez existia já uma esquerda que agrupava forças consideraveis.

A evolução no sentido esquerdista acentuar-se-ha. E' isto que vai mostrar-nos o proximo congresso sindical inglez.

O marechal Pilsudsky, mercê duma greve militar, apoderou-se de Varsovia, derrubando o governo con-

servador de Witos e constituindo um governo com personalidades alheias aos partidos politicos. Politicamente, o que é Pilsudsky? Um liberal? Um reaccionario? Pilsudsky foi durante muito tempo filiado no partido socialista polaco. Este partido como muitos outros com equal nome e que existem espalhados nos diversos paizes da Europa, de socialistas tem apenas o nome. Entretanto, o general polaco estava afastado dele ha muito já. Pilsudsky não é de modo algum um democrata, muito longe disso. Fala com desdem de todos os partidos, quer dos da direita quer dos da esquerda.

Vê-lo-hemos a imitar nas margens do Vistula o que fazem Rivera e Mussolini á beira do Manzanares e do Tibre,

—Vai reinar a tranquilidade na Europa—dizia-se logo após a assinatura dos acordos de Locarno. E o que vemos é reinar a desordem e a instabilidade politica. Crises politicas na Belgica, na Alemanha, na Iugoslavia. Revolução fascista na Polonia, tentativa de golpe nacionalista na Alemanha. O franco e a lira descendo vertiginosamente, com todas as suas consequências.

Nunca a intranquilidade da Europa foi maior.

## Os monarquicos

Os srs. talassas estão deitando demasiadamente os bracinhos e a lingua de fóra nos ataques á Republica.

Cautela. Não julguem que nos erros dos homens podem encontrar a morte do regimen.

Entre Republica e Monarquia ha, para tal, uma incomensuravel diferença.

E que não houvesse, ainda existem espalhadas por casa de alguns republicanos as carabinas com que subiram Monsanto.

Bom é não esquecer.

## Fotografias do sr. dr. José Domingues dos Santos

Na administração de **A Choldra** recebem-se pedidos para o envio de belas reproduções de uma fotografia do **leader** da Esquerda Democratica que

**TODO O ESQUERDISTA DEVE POSSUIR**

Basta enviar **1\$50** para cada fotografia para receber na volta do correio.

## PAPEIS VELHOS

## A MENTIRA SEXUAL

Da *Alma Nacional* publicada em 29 de Setembro de 1910 reproduzimos este interessante artigo que com o título que, acima pomos, então escreveu Raul Proença, hoje em toda a plenitude das suas qualidades de jornalista insigne—desculpe J. B.—e então já polemista republicano ardoroso e combativo:

Já em tempo exarámos neste mesmo lugar alguns pensamentos dispersos, colhidos nos apontamentos diários dum amigo morto. Hoje respingámos nesse velho e esfarrapado caderno algumas notas sobre o amor nas sociedades actuaes, notas que, não sendo raras e profundas, não deixam contudo de ser eminentemente justas.

~\* E' deshonroso para uma mulher o entregar-se por amor. Não ha crime mais abjecto do que cair nos braços dum homem, sem que se tenha a suprema generosidade de lhe pedir p'ra pôr casa, ou o supremo decôr de lhe exigir o pagamento das contas da modista.

~\* A mulher nunca deve entregar-se a um homem que lhe não pague os seus chapéus. Toda a moralidade do amor está aí.

~\* Quando uma mulher pura é enganada por um patife, não ha mais glorioso para o patife e nada mais vergonhoso para a desgraçada.

~\* Passei ao pé duma mulher pura, que coráva e baixava os olhos, e disse-lhe:

—Divina criatura! a tua superioridade faz tua vergonha, e o opróbrio dos outros caiu sobre a tua face!

~\* Fulana foi deshonrada por Sicrano.—Que cabral! —Aquela rapariga de 18 anos vai casar com aquele velho de 70—Ah! é uma senhora muito *conveniente*.

~\* E' muito util o casamento. E' uma instituição que serve para occultar que há muitas prostitutas na familia.

~\* O casamento religioso é-me muito mais simpatico do que o casamento civil. O casamento religioso reveste um caracter de mais *solenidade*; o casamento civil tem toda a apparencia de brutal dum *contracto*. Não deixa de sêr poético e doce levar uma mulher aos pés dum altar, entre inos religiosos e nuvens de incenso; ha musica de igreja infinitamente bela, e o perfume do incenso é-me agradável. Na administração, pelo contrario, ha um certo cheiro a escriturarios e a papeis velhos que são o bastante para estragar uma noite de amor.

~\* Nos casamentos sinceramente religiosos, deve haver uma colaboração occulta de Deus, um determinado embelezamento espirito que torna a união uma ligação até certo ponto mística; deve ser um momento de commoção profunda. No casamento civil nada disso; nem sensações deliciosas nem commoções profundas: não-de parecer sempre chatas e horrorosamente inspidas as perguntas do sr. administrador do concelho.

~\* *Casamento*—O *contracto* civil. . . as diligencias no tabellão e na conservatoria. . . a flôr de laranjeira que veiu tarde, o chapéu alto que não assenta bem. . . a cerimonia na igreja. . . os confeitos ao rapazio. . . o jantar de bodas. . . ás tres da noite os ultimos convidados que sublinham com um olhar de luxuria o ultimo segredo. . . Como dever sêr bom dormir, repousar, numa noite de núpcias assim!

~\* *Amor livre*—O beijo mais voluptuoso. . . o abraço mais intimo. . . um jantarinho a sós, iluminado com o sorriso da tua boca humida, acompanhado da musica dos teus beijos, cantado, festejado com a tua alegria, enquanto o Mundo lá fóra nos aponta o dedo iracundo e nós temos a coragem de rir e de desprezar. . . Como deve ser bom estar acordado, e amar, numa noite de núpcias assim!

~\* O que diminue o prestigio das honestas uniões livres são essas bastardas uniões com meretrizes recolhidas á privada, essas mancebias vulgares que os toureiros fazem com as segudas tiples. E' preciso que se diga toda a verdade: Elles unem-se com ellas por considerarem o casamento uma coisa demasiada *alta*. Nós unimo-nos com as nossas, por considerarmos o casamento uma coisa *baixa* demais. Eu quero ter a honra de diferir de semelhantes cretinos.

~\* Confunde-se a minha amante com a tua amante, porque os homens as chamam pelas mesmas palavras. Mas onde tu pões a tua vergonha eu ponho o meu orgulho.

~\* Preguntaram-te se casavas com Marília. E tu respondeste: *Ela é lá capaz de casar*,

Preguntaram-me se casava com Ernice. E eu respondi: *O casamento é lá capaz para ella!*

~\* Numa sociedade:

—A sua união é legitima, menina?

Resposta da interpelada:

—Sim, minha senhora, eu amo aquele homem.

~\* E' vergonhoso para uma mulher vender o amor por cinco tostões. Para que o acto seja honroso torna-se necessario vendê-lo por cinco contos, ao cartorio dum tabellão.

~\* Ha esfomeadas que se entregam por uma coroa. Mas eu tambem lhes digo: há princesas que se vendem por uma coroa.

~\* Qual é a mais digno?

Aquella que se vende por mais alto preço,

~\* A minha consciencia diz-me: *Vender a corpo a um* é um acto de traição mais indigno, e mais desleal, e mais grosseiro, do que *vender o corpo a mil*. E é facil perceber por quê. (1)

~\* O costume sempre fez parecer muita miseria decoro!

~\* Na sociedade actual fez-se do amor nos dois sexos dois antagonismos: o que faz o orgulho de um produz o opróbrio do outro.

E' triste que, quando os homens riem de alegria, as mulheres chorem de humilhação.

~\* O que pretendemos fazer? Bem pouco, na apparencia; que o amor seja o orgulho dos dois sexos.

~\* O homem vulgar, nas suas confidencias amorosas, faz os esforços mais desesperados para nos convencer de que é ainda mais besta do que nós tenhamos a ingenuidade de supôr. Se nós lhe chamamos.

Apenas *malandrete*, acha que as suas aventuras não são ainda *convenientemente* escandalosas.

~\* No amor cura-se de fazer bem. É a unica coisa em que ficam mal as virtudes.

~\* Quantos homens, nas relações amorosas, não desejariam têr a coragem de sêr tão malandros como alguns outros!

~\* Na maneira como um individuo diz a outro falando duma perversidade feita a uma mulher: *Sea marito!*

Ha um infinito de lisonja.

(1) Encontro mais adiante esta nota, que pode servir de esclarecimento: «Quando se compra amor dalguem que está habituado a vendê-lo, sabe-se bem o que se compra.» Pensando bem ainda se acharão mais razões do asserto.

~ A moral corrente em amor parece ter sido feita num comboio entre piratas que se fizeram duques e me-retrizes com pretensões a marquesas.

~ Os homens levam metade da vida a desafiar as mulheres para o mal, e a outra metade a censurá-las por terem vindo.

~ Chamam-se mulheres deshonestas aquelas que não caíram commoço.

~ Não há maior tribulação para uma mãe do que saber que sua filha ama, sem casar. Não ha maior satisfação para uma mãe do que saber que sua filha casa, sem amar.

~ Como eu tenho piedade das mães! Porque elas se enganam.

~ Se a mulher tivesse as facilidades economicas do homem, muita coisa se passaria no mundo que surpreenderia os imbecis!

~ No dia em que teu pai foi pedir a tua noiva, eu vi os olhos dela *escolherem-me*.

~ O que seria a noite do casamento, se todas as mulheres se confessassem! O amor livre já é por si uma confissão.

~ O animal que o homem conhece peor é a mulher. Só assim se explica tanta cegueira.

Ah! se todos vissemos bem!

~ Ha uns certos pobres d'espírito que se põem a falar de mulheres com a autoridade que lhes dá a velhice. Ah não basta *amar*, é preciso *viver*!

~ Um homem dizia-me. Conheço bem as mulheres. [E eu objetei-lhe: — Você tem comido couve lombarda?

Eis o homem todo surpreso da pergunta, mas respondeu:—Tenho comido é verdade.

E sabe o que é a couve lombarda? Conhece o seu *habitat*!

A sua composição? a sua alimentação predilecta? a época da sua floração?—Não, não sei nada disto.—Pois, meu caro, não é por ter conhecido mulheres, que se conhecer a mulher, como não é por ter comido couve lombarda que se conhece a couve lombarda.

—O que é o amor? perguntava eu a um burguês.—E' aquilo que apetece fazer depois duma ceia da lagosta.

Quantos maridos respeitaveis não limitam a bela paixão amorosa a esta simples aproximação cullnaria!

~ Paraphraseando um pensamento de Diderot: O meu intento é roubar a vossa tranquillidade, encher-vos o coração de desespero, diminuir-vos a estima da vossa familia, para que eu possa passar um quarto de hora bem disposto e tenha aventuras galantes para contar nos

cafés. Não imaginais como as noites de inverno são insuportavelmente longas, sem ter para contar a vossa tortura!

Eis o que o primeiro olhar do luxurioso diz á primeira mulher que deparar.

~ Sublime paradoxo das sociedades actuais: Morre-se de fome por ter *oferecido* o amor. *Vende-se* o amor para não morrer de fome. Os homens só amparam as mulheres sob a condição delas se fazerem o mais desavergonhadas possível.

~ Andei cinco anos fazendo a corte a uma mulher, ella amou-me, e eu possuí-a. Esta mulher não tem sombras de dignidade.

Namorei uma senhora distintissima e casei com ella ao fim de oito dias. Esta mulher é um conjunto de perfeição.

~ *Amores de velho*. — Que sociedade é esta, que moralidade é esta, que consente que um botão de rosa se una com um cadaver?

~ Casta de homens:

«Dizem que nos censuram, minha filha? Mas que importa a opinião?»

«Tu não sabes, meu amor, o que é a Opinião?»

É um quarto de perversidade com trez quartos de estupidez.

~ Numa pequena terra de provincia, ha alguns anos, tive occasião de presenciar o casamento dum homem de 72 anos, feio, bexigoso e escriptivo de direito, com uma menina adoravel de 16; com uns olhos de endoidecer e cantando admiravelmente a *Ave Maria* de Gounod, lá dentro, numa sala cheia de luzes e de musica, os noivos recebiam os cumprimentos da gente mais ilustrada, mais distinta e mais considerada da terra. E eu fóra, no meio de alguns curiosos que se aglomeravam defronte da porta, fiz esse gesto pouco diplomatico que é de uso fazer-se nas camaras legislativas e que ainda não entrou nos salões.

Uma senhora desgraçadamente, presenciou este meu innocente desabafo, e à noite já não se ouvia dizer na liada terra da provincia onde isto se deu senão que eu era um homem sem caracter. Foi a unica condenação que se fez nessa estranha noite de nupcias.

Um ano depois a menina de 16 anos casada com o velho de 72 dava á luz um lindo *bambino* de olhos azues. Houve outra vez recepção; o pai ostentava ostentava outra vez a sua casaca, e a mãe recitou ao piano a *Ave Maria*. Mas ninguem viu fazer mais, defronte das janelas, o gesto pouco diplomatico.

RAUL PROENÇA

## Porque são pequeninos . . .

O sr. Silva, sempre que pode, vai a *Garret*, aos chás elegantes, aos clubs ricos e ás amantadas caras.

Vive vida regalada, esquecidos cuidados e cansaças. A vida são dois dias . . .

E como são dois dias, nem pensa nos que não teem para o pão dos seus, quanto mais para chás elegantes, amantes caras ou regabofes de espanto.

Os pobres não lhe interessam.

S. Ex.<sup>a</sup> não trata de cousas pequenas.

E é assim que o sr. Silva, Administrador Goral dos Correios e Telegrafos, vem de ha muito permitindo que aos mais humildes e pobres dos funcionarios daquele serviço sejam cercceados contra a lei e portanto, roubado salguns magros viatens a que teem incontestavel direito.

Referimo-nos aos carteiros *supras* a quem se nega, contra a lei e, contra o que se está fazendo para outro pessoal e outros estabelecimentos do Estado, aquilo que a eles se lhes nega: o pagamento dos domingos e dias feriados quando estes dias lhes competiam por folga ou alturas da escala do serviço.

Não se lhes paga. Não se hesita em tirar a homens que pouco mais ganham do que 400\$00 mensais, uns magros 100\$00 que seriam um pouco mais de pão ou uma cautela de prego a menos no final do mez!

Não querem que haja revoltados, não querem que surjam alucinados! . . .

*A união para obedecer e respeitar os verdugos trouxe aos homens a opressão e a misetia; a união na desobediencia e na acção desrespeitosa dará aos escravos o pão e a liberdade.*

Praxedes G. Guerreiro

A CHOLDRA

# REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

BALBINA (*arisco*)

Livra! (Pépe teima em beija-la até que aparece D. José de la guardia republicana. comandante do destacamento).

D. JOSÉ (*com voz de papão*)

Que zaragata é esta aqui? Toca a andar! (As cigarreiras vão a retirar-se).

BALBINA (*autoritaria*)

Alto, raparigas! Daqui ninguem sai sem minha ordem!

D. JOSÉ (*estupefacto*)

Tu ousas?...

BALBINA (*traçando o chale*)

E tu nunca te atreveste? Deixa estar a raparigada que espera ordens do governo!...

D. JOSÉ (*formalizado*)

Sendo assim... (Aparte) Como ela é formosa! E o que se chama uma onça superior!

PEPE CAMILO (*oiumento*)

(Aparte) Talvez apanhes para o teu tabaco (Dá meio dia em S. Paulo).

BALBINA (*às companheiras*)

Já soaram as doze badaladas do meio dia...

UMA CIGARREIRA (*interrompendo*)

E nós também já estamos suadas!

BALBINA (*continuando*)

Os homens já p'ra lá estão, agora vamos nós...

PEPE CAMILO (*entusiasmado*)

A' los toros!

BALBINA (*desdenhosa*)

Não, maleta duma figa!

TODAS

Ao Parlamento! Ao Parlamento! (Marcha do Trovador)

MUTAÇÃO

2.º quadro

(Junto do palacio do Congresso. Policia fardada e á paisana, povo, cavalaria e todo o demais que é de uso nestes espectaculos)

CONTRATADOR (*apregoando*)

P'rás galerias reservadas, quem vende algum bilhete!...

## TEATRO DA POLÍTICA HOJE HOJE

Primeira e unica representação  
da peça infelizmente historica  
e verdadeira

# BALBINA

## Parodia á CARMEN

### AVISO AO PÚBLICO

Não ha bilhetes na casa

1.º quadro

(A acção decorre á porta da Fabrica dos Tabacos que está guardada pela força publica. Ao subir o pano estão em scena as coristas, trajando de cigarreiras, que cantam:)

CORO DE CIGARREIRA (*musica de Carmen*)

Bis } Olha a Balbina, esperta e ladina,  
A flor mais fina das cigarreiras,  
Vai a S. Bento, ao Parlamento,  
Ver num momento, partir carteiras.

(DEPOIS DA MUSICA)

Pepe Camilo (*toureiro da porta do «Suisso»*) Caramba que desde que andas envolvida na politica já não me ligas nenhuma!...

BALBINA (*com um malmequer ao canto da boca*)

Que queres Pépe! Novos amores... Novas ligações...

PEPE CAMILO (*humilhado*)

E' bem verdade! Até os cravos vermelhos que te adornavam as tranças perfumadas foram substituidas...

BALBINA (*numa gargalhada*)

Tenho o vermelho dos meus labios sanguineos...

PEPE CAMILO (*num desejo*)

Deixa-me beija-los, por Dtos...

## UM ESPECTADOR

Então você, em vez de os vender, compra-os?

## CONTRATADOR

Compro para depois vender! Já não ha bilhetes na casa.. (apregoando) Cá está o programa com o retrato dos *espadas*!...

## UM ESPECTADOR

O programa não tem o detalhe?

## CONTRADOR

Não sr. ! A *ordem do dia* está all no cartaz... (Ouve-se barulho dentro do edificio, de mistura com palmas e vivas)

## UM ESPECTADOR

Tambem já lá não vou dentro. Acabou agora a *primeira parte*.

## CONTRATADOR

Não diga isso, homem! Isto agora é um intervalo de meia hora e depois *principia* outra vez... E olhe que ás vezes a *segunda parte* é a melhor... (apregoando) Quem vende algum bilhete!

(Do edificio, embrulhado no capote e extremamente palido sai um individuo, amparado por dois amigos, que se dirige para o automovel. Este, que é particular, tem comtudo o ajudante de chauffeur agalado a prata e com as seguintes iniciais no bonet: P. S. P.)

## UM ESPECTADOR

Este, se calhar foi *colhido*...

## CONTRATADOR

Foi! *colhido e volteado*, mas por isso *volta* daqui a pouco... e já não é *colhido* de surpresa! ..

## O HOMEM DO AUTOMOVEL (ao chauffeur)

Vamos á Garret!

## CONTRATADOR (ao espectador)

Eu não lhe disse! Aquilo é uma simples questão de appetite. O nosso é de muito alimento, vai comer...

## UM ESPECTADOR

Não foi este que rapou a pêra?

## CONTRATADOR

Foi, e mais valla que tivesse cortado a *coleta* ..

(*Novo sussurro dentro do palacio*)

## UM ESPECTADOR

Agora é que acabou...

## CONTRATADOR

Se calhar p'ra continuar amanhã... (apregoando) P'rá proxima corrida quem vende algum bilhete?

## UM ESPECTADOR

O que é aquilo que ali vem a sair?

## CONTRATADOR

E' o *grupo dos malmequeres* seguido dos *cravos vermelhos*!

## UM ESPECTADOR

E veem a cantar!

## CONTRATADOR

Vamos a ver quem tem melhor *voz*...

## CORO DOS MALMEQUFRES

Flores, brancas, malmequeres  
Vinde todos por aqui.  
Passem p'ra frente as mulheres  
A dar vivas á *regie*...

(CORO DE CRAVOS (*musica da canção das rosas*))

Os cravos, são as flores dos horrores  
De certas *tipos honrados*.  
Aos cravos ha quem tenha grande raiva,  
Só por serem encarnados...

Nos cravos, se resume o azedume  
Que entontece os cidadãos  
Os cravos; nós usamo-los no peito  
E eles nos pés e nas mãos...

## CAIO PANO

## ATÉ AO CRIME?

Ha uns cavalheiros, dos que dão vivas á *regie*, que vão para o Parlamento e suas proximidades como quem vai para a guerra ou para o crime: de pistola e punhal.

Essa gente ronda a sahida dos deputados oposicionistas e ospreita-os por tal forma, que a sua attitude já deu origem ao boato de quererem assassinar os *leaders* das oposições!

Não acreditamos!

Nós sabemos que alguns dos que vão dar vivas á *regie* são simples miseraveis pagos para tal e que, sendo-o, para *tudo* receberão dinheiro.

Mas tambem não desconhecemos que entre os que a *regie* defendem, muitos e honrados republicanos e dos mais humildes se encontram.

A esses compete vigiar. De tudo o que succeder, as maiores responsabilidades lhes caberão. Por nós estamos pre enidos. O Povo que defende a Liberdade está acautelado.

Só uma afirmação fasemos:

Ai dos que tocarem nos homens da Esquerda Democratical

Por cada um que, de cá, tombe, cahirão dois de lá!

Sem farroneas...

## Lêr no proximo numero:

Secção 'teatral, *critiaa que d'sconhece amigos e só olhará á justiça e á verdade.*



# O negocio do jogo da bola

Já por diversas vezes temos tratado com o maior desenvolvimento dos negocios que á s mbra do jogo da bola se tem praticado, sem que aqueles que se esfalfam a jogar recebam desses negocios o mais insignificante beneficio.

E' claro que nós não queremos que os jogos de football se transformam em beneficios de quem quer que seja, como á dias se effectuou no Porto, onde se realisou um jogo para livrar um comerciante amigo da falencia...

Do dinheiro roubado pelo Antonio Veloso, não confundir com o delegado do Victoria, já quasi não se fala e por este caminhar qualquer dia tornar-se-ha um conto que nós ouvimos em pequenos...

Do que nós vamos tratar neste numero é doutro negocio, pois é conveniente que se saiba que o jogo da bola é uma mina que dá para tudo, pois que o seu filão é inextgotavel...

Ha anos, quando o football estava na sua meninice, existia dentro de um certo organismo um individuo, que acumulava com um emprego do Estado, o qual apesar do seu nome de uma certa nobresa... andava pobremente vestido e com as palhetas todas arrombadas.

Esta criatura era o *escritório* desse organismo.

Só ele é que negociava, comprava e vendia...

Um dia succedeu-lhe um precalço...

Um amigo do alheio, por artes de berliques e berloques, roubou-lhe uns aneis, que eram todo o seu enlêvo, apesar de serem de latão e de pedras falsas...

Nesta occasião todos lamentaram o succedido, tanto mais, que devido ao Estado não querer dar subvenções, o homem passava mal...

Passaram-se anos. O jogo da bola tornou-se um desporto favorito do publico.

E nós afastados de toda essa complicada organização, resolvemos ir visitar o escritório...

Pasmamos. Podia lá ser?

Mas minutos depois de uma grande observação tive-ram que nos render á evidencia.

O individuo que nós conhecemos andrájosamente vestido e sem vintem, apresentava-se elegantemente trajado, apesar do seu defeito fisico, e com «lume» nos dedos, blasonava olhando com certo despreso os individuos que ali iam boamente tratar de varios assuntos.

Investigámos. Fomos de uma rara paciencia e descobrimos.

1.º Que o tal individuo ainda é empregado do Estado.

2.º Que tem um predio e pensa construir numa das nossas praias um chalet...

Mas de onde lhe veio tanto dinheiro, que chega para ele mudar de situação de uma maneira tão flagrante?

Melhoria do seu ordenado, não, pois que o Estado continua a pagar mal aos seus servidores, de que será? Misterio.

Nós continuamos as nossas investigações, mas é possível que nada se chegue a descobrir, pois que o homem terá o cuidado de pagar a "manobra" de modo que tudo pareça legal.

Mas podem os nossos leitores terem conhecimento de algum facto, cuja elucidação seja para nós motivo para desvendar logo a meada... no que já poderiam fazer em parte, se não quizessemos espantar a caça.

Mas desde já declaramos que não levamos a mal o homem ter-se governado, pois que o Veloso roubou e até hoje ainda ninguém o incomodou, talvez com medo que ele falasse.

Pois que nós temos a impressão de que o ladrão que rouba a ladrão... Não sei se nos percebem.

Continua ainda a ser o "caso do dia" a questão entre o dr. José Pontes e a Federação do Remo.

Do auxilio "desinteressado" dizem eles, prestado pelo presidente do C. O. P. ao desporto em geral já nós tinhamos conhecimento.

Mas agora com a entrevista de ex-deputado Julio Gonçalves, é que já não percebem nada.

Hogiava-se o dr. Pontes, por ter sido ele que conseguiu do Parlamento, a votação de ama lei que beneficiava o desporto.

Prova-se agora que ele nada fez nesse sentido, recebendo as honorarias que a outro pertencia, não o declarando ao publico talvez em desporto de que não falassem mais nele.

Nós ao tomarmos conhecimento destes factos, ficámos com a opinião mais fortalecida de que só por birra é que a Federação não conseguiu aquilo a que tinha todo o justo direito.

Mas o que faz o grupo parlamentar desportivo?

Deixa-se guiar pelas falas do dr. Pontes e não define a sua attitude?

Mas quem são os parlamentares que fazem parte desse agrupamento que praticaram desporto na sua vida?

Correia Barreto, eleito seu presidente, deveria ter feito desporto, quando servilmente beijava a mão régia.

O curvar da espinha tambem é desporto.

O outro "jarrão" desse grupo, o Silva, o da péra sagrada, fez desporto ao saltar dos carros de palha do Redondo.

O Alfredo Ferreira e o Guisado, praticam desporto vendo os desafios á borla e não se consta que eles tenham feito qualquer exercicio, senão o de polir as botas para se alcaçaparem a tão altas situações.

Com um grupo deste quilate, onde só um numero bem restrito se salva, não nos admira que o dr. Pontes, esteja em terra conquistada e faça tudo ao seu bel-talante, prejudicando as organizações daqueles que concededores de todos estes factos lhe ligam a importancia que ele realmente merece.

"A Choldra" marcon a sua attitude nesta questão preguando por uma questão de justiça.

Não nos movem intuitos politicos, mas sim o desejo forte de que todos aqueles que por engano subiram até tão alto, sejam apeados o mais rapidamente possivel de modo que do seu trabalho, nada mais resulte de prejudicial para o desenvolvimento desportivo em Portugal.

E não nos calaremos enquanto este facto se não der. divulgando aos nossos leitores todas as traquibernas praticadas por esses falsos apóstolos...

Dos jogos ultimamente effectuados, o que se torna mais digno de registro é a victoria do Imperio, que conseguiu firmar de novo o seu lugar na divisão de honra apesar da guerra que lhe moveram.

Nos dois jogos de agrupamento o Imperio triunfou por 2 a 1 e 3 a 2.

O campeonato de Portugal que se está ainda a disputar não merece que por enquanto dele nos ocupemos,

# PARA OS 5.000

Quanto mais elevada for a tiragem de

## A CHOLDRA

mais proveitosa virá a ser a sua acção **PELA REPUBLICA.**

É necessario QUE CADA ASSINANTE CONSIGA O MAIOR NUMERO DE ASSINANTES. Estamos preparando um sensacional concurso que será UM SOBERBO TORNEIO EM QUE CADA ASSINANTE lutará por sua **CHOLDRA.** Para este torneio estabeleceremos VALIOSOS PREMIOS.

## Damião & C.<sup>o</sup>

Especialidade em chapéus, lóris e vestidos  
para D'AMAZONAS

CASA ÚNICA NO GÊNERO

87, Rua Garrett, 89

LISBOA

PAPEIS DE FUMAR

Os melhores papéis  
do mundo

# ZIG-ZAG

Double, Simple, Alcatraz, Ambros,  
Pasta decorada, Ramoes

ACABAM DE CHEGAR

Edição de

## CASA HAVANEZA

124 e 134, Rua Garrett-- LISBOA